

A CARTEIRA DO MEU TIO: A INOVAÇÃO ROMANESCA NA LITERATURA MACEDIANA

Vanessa Monteiro da Silva (UEFS)

vanessasoll@hotmail.com

1. Introdução

Joaquim Manuel de Macedo é considerado o autor responsável pela introdução do romance no Brasil, sua obra é considerada uma referência no que diz respeito às transformações ocorridas no campo da arte na primeira metade do século XIX, quando o Romantismo começava a germinar entre os literatos brasileiros. *A Moreninha* foi o primeiro texto em prosa de qualidade estética considerável, livro de maior sucesso literário da época. Macedo é um autor que ao longo do tempo, foi, de certa forma, pouco reconhecido pela crítica ainda incipiente no seu contexto, sendo reconhecido unicamente pelo romance lançado em 1844, quando ele ainda tinha 23 anos. Esse não reconhecimento pode ser verificado não somente no esquecimento do conjunto de sua obra literária, pois mesmo *A Moreninha*, romance de sucesso junto ao público leitor, vem sofrendo ao longo do nosso contexto literário, um julgamento que não lhe faz muita justiça.

Macedo está entre os escritores que gozaram em vida de prestígio e de uma condição social mais amena. Saído do seio da burguesia, filho do casal Severino de Macedo Carvalho e Benigna Catarina da Conceição. Nasceu em Itaboraá, interior do Rio de Janeiro em 24 de junho de 1820. Formado em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro, não chegou a exercer de fato a profissão, lançou no ano de sua formatura o grande sucesso, *A Moreninha*, considerado um dos romances mais lidos à época; ainda hoje conquista leitores. É patrono da cadeira de número 20 na Academia Brasileira de Letras, por intermédio de um dos seus fundadores, Salvador de Mendonça. Foi casado com a prima-irmã do poeta ultrarromântico Álvares de Azevedo, Maria Catarina de Abreu Sodré, a qual muitos julgam ser a inspiração do autor para a composição de Carolina, sua mais famosa personagem. O escritor carioca viveu até pouco antes de completar 62 anos; sofreu no fim da vida de problemas mentais. Sobre a posição galgada pelo escritor na sua época, Jorge de Souza Araújo, em *Retrós de Espelhos – O Romantismo brasileiro com lentes de aumento*, ressalta:

Macedo grangeara o mais elevado monumento a que nenhum de seus companheiros escritores jamais alcançaria em seu tempo. Ainda mais porque – não se pode ainda hoje dizer dele o contrário – era escritor fluente, espontâneo e sem arabescos de linguagem. Fiel ao espírito romântico, nele se enquadrava perfeitamente. (ARAÚJO, 2011, p.529)

A obra do escritor carioca instiga uma cuidadosa análise, pois ela é de uma notória variedade temática. Muitos críticos contemporâneos insistem em unificar a obra macediana. Desconhecendo a sua diversidade, numa tentativa de enquadrá-la num modelo a muito cristalizado. Para tanto, proferem julgamentos do tipo: romance composto por personagens estereotipados; estruturados a partir de uma fórmula repetida à exaustão. Para relativizar esse julgamento unilateral da crítica, afirmamos que ao invés de usar fórmulas repetidas à exaustão, o que Macedo faz é recontextualizar em outros romances elementos e características aplicados em *A Moreninha*, seu romance de maior sucesso.

Na introdução do romance inaugural do escritor carioca, *A Moreninha*, o próprio Macedo afirma que sua obra é cheia de *irregularidades e defeitos*. Em seu texto *Macedo e Crítica: a longa permanência do fantasma branco* Araújo fala sobre postura da crítica de literatura brasileira em relação a obra do escritor carioca:

(...) se *A Moreninha* pautava os dispositivos analíticos sobre o seu autor, e Joaquim Manuel de Macedo fica para sempre reconhecido como o narrador tatibitate responsável por um experimento de diminutas qualificações estético-estilísticas, a crítica brasileira não lhe fica à frente. A ela caberá reconhecer sua pouca noção de justiça (lendo sempre as mesmas obras e tirando as mesmas conclusões) e sua inércia ao recusar-se em redimensionar valores, tendo em vista os outros textos macedoanos fora do cânone negativo em que o prefiguraram. – Talvez porque, também, a obra de Macedo tenha sido, ao longo do tempo, mais comentada do que lida – e esse reducionismo certamente contribuiu para a repetição *ad nauseam* dos mesmos chavões críticos sem que critério que não seja a reiteração. (ARAÚJO, 2011, p. 530)

O universo das mocinhas casadoiras, dos bailes, os conflitos amorosos, a idealização dos personagens, a presença de tipos caricatos que desfilavam pela sociedade com seus traços decadentes que provocavam o riso, a minuciosa descrição dos lugares e das vestimentas de seus personagens, estão presentes sim, em *O Moço Loiro*, *Os Dois Amores*, *Rosa*, *Vicentina* e *As Mulheres de Mantilha*. Mas, além de praticar com sucesso modelo de romance romântico, posteriormente utilizado por outros escritores do século XIX, o autor também foi um crítico ácido e persistente da política, dos costumes e da sociedade burguesa do Rio de Janeiro. Suas críticas são dirigidas de forma sutil, caminhando muitas vezes para a comicidade. Além da crítica, o autor de *A Luneta Mágica*, também tinha a

preocupação de fazer do romance um documento histórico para gerações futuras, assim ele se expressa em *As Mulheres de Mantilha*:

Tenho quase certeza de que hoje haverá de sobra quem me censure por estas explicações do que todos sabem, visto como ainda atualmente existe o cancro da escravidão, ainda há população escrava, e portanto, ainda há também nas famílias – *nhanhãs* e *sinhazinhas*, há senhores pais de – *nhonhôs* e *sinhás*, ou senhoras mães de – *sinhazinhas*; mas no século vigésimo os romancistas historiadores que são os professores da história do povo, hão de agradecer estes e outros esclarecimentos da vida íntima das famílias do nosso tempo. (MACEDO, 1965, p. 36)

O autor d'*A Moreninha* conseguiu prestígio com suas primeiras obras, romances que agradavam ao público, mas não à crítica, pela já tão decantada repetição da “fórmula macediana”. Seu contato com a política faz com que busque novos caminhos para sua literatura, mas a mudança súbita de temática, com o lançamento de *A Carteira do Meu Tio*, não agrada ao público, o qual não se identifica com a estória contada. O prestígio de Macedo declina à medida que cresce o destaque do cearense José de Alencar. Em 1868, lança a *Memórias do Sobrinho do Meu Tio*, uma continuação do romance lançado em 1855. Depois em 1869, publica *As Vítimas Algozes*, obra que trazia elementos realistas e naturalistas, que também é criticado e apontado como mero romance panfletário de cunho abolicionista.

É inconcebível que Macedo pereça como autor menor e sobre este estigma a pesquisadora Tania Serra afirma que a obra do escritor carioca:

É extremamente atual, embora não seja muito mencionada na história de literatura brasileira, fato que, repito, compreende-se pelo estigma criado por Silvio Romero, com o “lapso” da 1ª edição de sua História da literatura brasileira, e por seu grupo de Recife sobre o romancista de Itaboraá, retirando-o o rol dos bons romancistas brasileiros. (SERRA, 2004, p. 76 e 77)

A pesquisadora pontua ainda a primeira vez em que o romancista foi tratado de forma diferente, sendo reconhecido como escritor com capacidade e visão além das fórmulas para moças abordadas em alguns de seus romances, tal reconhecimento foi dado por Dalmo Barreto, em seu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1975:

(...) nunca vimos tanta contradição e tanto despautério. Estamos convencidos que eles não leram a obra de Macedo e se o fizeram, fizeram-no por certo superficialmente, premeditadamente escolhendo os defeitos e as falhas, desprezando o que de bom teve para oferecer e não alcançaram a sua mensagem.

E é na perspectiva do estudo de Tânia Serra, na busca de uma valorização e reconhecimento do escritor carioca, como produtor de impor-

tante contribuição para a literatura nacional, que propomos nosso trabalho.

2. *A carteira do meu tio: um novo molde, uma nova temática*

Consagrado escritor de sua época, Joaquim Manuel de Macedo publica em 1855 o romance que adicionou novas cores e sentidos a sua obra; lançara até então, quatro romances numa linha temática e estrutural bem diversa a nova experimentação de *A Carteira do Meu Tio*. Onze anos depois de seu coroamento como produtor literário de sucesso com *A Moreninha*, Macedo decide alçar novos voos, se desligando das histórias de costumes da sociedade carioca, do açucaramento e puerilidade, deixando de ser somente o escritor das moças casadoiras. O contato com política, nos cargos de deputado provincial e geral, certamente influenciaram nessa mudança de eixo temático. O escritor Macedo que se delineia nas páginas de *A Carteira* é crítico ácido e persistente do cenário político oitocentista, retratando pela via da comicidade problemas de um século distante, mas que são ainda, velhos conhecidos.

A mudança se apresenta logo nas primeiras linhas do romance que inicia com uma introdução no mínimo inusitada para uma época em que ainda se desenhava o talhe do romance nacional. Intitulada de *Introdução et Cetera* nos é apresentado um narrador inescrupuloso, debochado e desatento:

EU...

Bravo! Bem começado! Com razão se diz que – pelo dedo se conhece o gigante!

– Principiei tratando logo da minha pessoa; e o mais é que dei no vinte; porque a regra da época ensina que – cada um trate de si antes de tudo e de todos ... (MACEDO, 2009, p.13)

Totalmente ao avesso da introdução de *A Moreninha*, em que o autor revestido de uma falsa modéstia se dirige ao público pedido compaixão e desculpas pelas suas falhas e pelos defeitos da sua “querida filha”:

A Moreninha não é a única filha que possui: tem três irmãos que pretendem educar com esmero; o mesmo faria a ela; porém, esta menina saiu tão travessa, tão impertinente, que não pude mais sofrê-la no seu berço de carteira e, para ver-me livre dela, venho depositá-la nas mãos do público ... que ... a receba e lhe perdoe seus senões, maus modos e leviandades. É uma criança que

terá, quando muito, seis meses de idade; merece a compaixão que por ela imploro. (MACEDO, 2002, p. 14)

Macedo inova utilizando-se de um narrador personagem que seduz o leitor através de suas confissões e de seu compromisso em dizer somente a verdade, claro que a verdade é limitada apenas para os leitores do romance, porque aos personagens da história cabe apenas contar os fatos como lhe conviesse. O público aqui é tratado de forma diversa, o autor não é mais temeroso de julgamentos, nem receoso pela aceitação; o narrador moldado é um parceiro do leitor que paradoxalmente irá confiar nas confissões das mentiras mais torpes. Aqui se conta a história de um sobrinho apadrinhado por um nome importante, corrupto e vil que narra suas desventuras numa aventura insólita proposta pelo tio, bem como suas reflexões a cerca do panorama político nacional.

O universo tratado em *A Moreninha*, *O Moço Loiro*, *Vicentina e Rosa* dos casais apaixonados e do sentimentalismo não existirá em *A Carteira do Meu Tio*, nem mesmo a mais leve nuança. O narrador do livro apresenta-se como “sobrinho do meu tio”, e a sua justificativa para tal apresentação é o fato de que no Brasil mais vale um bom apadrinhamento do que capacidade, esforço individual e estudo. A sua inclinação para a política se justifica como sendo uma ideia comum “a todos os vadios de certa classe”.

O narrador nos apresenta a sua filosofia de vida, uma exaltação ao *Eu*, revelando além de sua personalidade egocêntrica, um retrato da política nacional:

No pronome *Eu*, se resume atualmente toda a política e toda moral: é certo que estes conselhos devem ser praticados, mas não confessados, bem sei, sei bem, isso é assim: a hipocrisia é pedaço de véu furtado a uma virgem para cobrir a cara de uma mulher devassa: tudo isso é assim: mas o que querem?... ainda não sou um *espírito forte* completo, ainda não pude corrigir-me do estúpido vício da franqueza.

Eu digo as coisas como elas são: há só uma verdade neste mundo e é o *Eu*; isto de pátria, filantropia, honra, dedicação, lealdade, tudo é peta, tudo é história, ficção, parvoíce, ou (para me exprimir no dialeto dos grandes homens) tudo é poesia. (MACEDO, 2009, p. 16)

Seguindo a filosofia do eu, o narrador define o que é pátria e o que é “nós”, “eles” e “vós”, atribuições dadas a “castas” da sociedade do XIX, mas que é impossível não notar a contemporaneidade. A crítica ácida do autor retrata um país em que uma pequena classe de privilegiados é sustentada pela população que excluída da pertença ao seio rico e burguês sofre, a teoria do *Eu* continua vigente, políticos que pouco fazem

pelo país ganham salários que muitos profissionais da saúde, segurança e educação indispensáveis para o país, jamais irão receber um dia, e ainda insatisfeitos com isso roubam o dinheiro público:

A pátria é uma enorme e excelente garopa: os ministros de Estado, a quem ela está confiada, e que sabem tudo muito, mas principalmente gramática e conta de repartir dividem toda a nação em um grupo, séquito e multidão: o grupo é formado por eles mesmos e seus compadres, e se chama – nós –, o séquito um pouco mais numeroso se compõe dos seus afilhados, e se chama – vós –, e a multidão, que compreende uma coisa chamada oposição e o resto do povo, se denomina – eles –, ora; agora aqui vai a teoria do Eu ; os ministros repartem a garopa em algumas postas grandes, e em muitas mais pequenas, e dizem eloquentemente: “as postas grandes são para nós, as mais pequenas são para vós” e finalmente jogam ao meio da rua as espinhas, que são para eles. O resultado é que todo o povo anda sempre engasgado com a pátria, enquanto o grupo e o séquito passam às mil maravilhas à custa dela. (MACEDO, 2009 p. 14)

Quando decide torna-se político o narrador é presenteado por seu tio com uma “carteira”, livro no qual ele deveria anotar todas as impressões de uma viagem que o tio lhe impõe, uma verdadeira viagem rumo ao conhecimento da nação brasileira. Juntamente com a “carteira”, na qual o sobrinho deveria anotar suas impressões de viagem, o tio lhe dá a Constituição Brasileira, que é apresentada de modo alegórico, o tio o leva até o jardim da casa, onde o sobrinho se depara com um túmulo que traz em seu epitáfio: “Aqui Jaz Quem Nunca Nasceu”. O tio a chama de defunta, e de mártir, ela foi criada, mas nunca respeitada, não tendo, portanto, vida. Após desenterrar e retirá-la de três pequenos caixões: o primeiro de ouro, depois outro de prata e, por fim, um de chumbo, neste estava à constituição enrolada em uma mortalha de veludo verde e amarela, clara alusão à bandeira do Brasil. Logo após o final deste ritual, o tio discursa:

Eis aí, pois, a santa mártir, meu sobrinho: Quando ela nasceu, um povo inteiro saudou-a, como a fonte inesgotável de toda a sua felicidade; como elemento poderoso de sua grandeza futura; saudou-a com entusiasmo a fé com que os hebreus receberam as doze Tábuas da Lei: pobre mártir! Não a deixaram nunca fazer o bem que pode: apunhalaram-na, apunhalam-na ainda hoje todos os dias, e entretanto cobrem-se com seu nome, e fingem amá-la, os mesmos sacrílegos que a desrespeitam, que a ferem, que a pisam a seus pés! (MACEDO, 2009, p. 21)

O autor de *A Carteira do Meu Tio* faz críticas ao desrespeito à constituição por parte, em especial, dos políticos. Referenda que ela foi esperada e aclamada pelo povo, o que não é verídico do ponto de vista histórico, pois, a participação popular na elaboração da mesma não aconteceu.

O sobrinho vê a política como porta de ascensão na sociedade e de prestígio. É um personagem egoísta, que pensa unicamente no seu bem estar. Quando parte na jornada proposta pelo tio no lombo de um cavalo ruço-queimado, que por sua vez, é extremamente lento, o sobrinho pensa, mais uma vez, em enganar o tio como fizera quando foi estudar na Europa. Pensa em ir para a farra no Rio de Janeiro, aproveitar a corte, e escrever na carteira apenas mentiras, mas, depois, acaba seduzido pela ideia desta insólita aventura. O tio é o oposto do sobrinho, e o envia nesta viagem de desbravamento e conhecimento, numa tentativa de plantar no coração do sobrinho a semente de um sentimento nacionalista, para que o sobrinho venha a se tornar um político diferente, capaz de proporcionar alguma mudança no cenário político da época.

O sobrinho aponta as qualidades do tio, e se declara o oposto dele e justamente por esta razão é que lhe caberá um lustroso futuro político, acidamente critica a inversão de valores que se atribui no cenário político, no qual é mais importante uma oratória que impressiona, mesmo que rasa e infundada, do que a inteligência e o saber propriamente dito:

Meu tio pelo que posso julgar, é um homem que sabe muito, e que fala pouco: nunca foi eleito deputado, por ter essas duas terríveis qualidades. Felizmente eu sou o avesso do bom velho; não sei coisa alguma desta vida, e falo mais do que uma velha metida a literata: está visto que, se eu já tivesse quarenta anos, entrava necessariamente em alguma lista tríplice para senador. (MACEDO, 2009, p. 16)

Na narrativa de Macedo, o sobrinho deveria viajar e na carteira dada pelo tio deveria anotar suas impressões da viagem imposta pelo tio, a viagem tem como objetivo principal a regeneração, transformando o ambicioso sobrinho em um político diferente dos que circulavam pelo cenário nacional; para que ele pudesse fazer alguma diferença para a nação. O que qualquer leitor esperaria, especialmente por dar a entender que se trata de romance de relatos de viagem, seria uma expedição pelas paisagens brasileiras, e que tal abordagem seria o ponto central da obra. No entanto, o que se apresenta diante do leitor é uma construção romanesca que inova, os relatos não são o que se esperaria de uma típica narrativa romântica, mas sim uma torrente de críticas e reflexões; são observados pelo sobrinho o comportamento e os ideais de um político brasileiro, expondo o caráter duvidoso que necessariamente se deve ter para ingressar em tal carreira. Na carteira o sobrinho também mostra o desrespeito as leis da constituição, que por nunca ser obedecida, e ao que parece sequer lembrada, é chamada de defunta:

A cadeia em que eu e o compadre Paciência acabávamos de entrar se compunha toda ela da sala do carcereiro, que servia também de *sala livre*, onde ninguém se achava preso; de uma espécie de xadrez, onde eram recolhidos os guardas nacionais que cometiam, principalmente, os dois seguintes crimes: 1º, não votar nas eleições na chapinha dos comandantes, 2º, não atirar o chapéu aos oficiais a vinte braças de distância; e, finalmente uma terceira sala escura, suja, pestífera, onde estavam aglomerados todos os presos acusados de crimes afiançáveis e inafiançáveis, que tinham de apresentar-se ao júri: era a enxovia.

(...) o que porém atraiu por acaso a minha atenção foram umas pequenas páginas impressas, que estavam caídas (...).

(...) Vi diante de meus olhos algumas páginas soltas da *Constituição e de outras leis*, que tinham provavelmente feito parte de alguma folhinha dos srs. Laemmert (...).

E, coisa mais célebre ainda!... as malditas páginas continham artigos da nossa *defunta* ... que pareciam vir a tão a propósito para o caso em que nos achávamos, que não posso resistir ao desejo de transcrevê-los na *Carteira de meu tio*, ao menos para recordar-me e aplaudir-me do desprezo em que são tidos, e do nenhum caso que merecem:

Aí vão essas fantasmagorias legislativas, e constitucionais.

Constituição do Império: artigo 179.

§ XXI: As cadeias serão seguras, limpas, e bem arejadas, havendo diversas casas para separação dos réus, conforme suas circunstâncias, e natureza dos crimes.

Olhei para a enxovia e soltei uma gargalhada! (...)

Ia-me escapando uma terceira gargalhada; mas contive-me a tempo, vendo chegar o compadre Paciência, que, se descobrisse o motivo da minha estrepitosa alegria (...) era até era até capaz de declarar guerra de morte àquelas pobres e democráticas tamancas, que ali estavam pisando os artigos da Constituição e das leis do Império (...). (MACEDO, 2009, p. 110-112)

O que podemos observar através da observação do sobrinho é o paradoxo entre o ideal e a realidade, a distância entre o que está escrito no papel e o que realmente acontece. A disparidade é inquestionável, o que sem dúvida reforça a ideia de que a constituição seria de fato uma defunta, pois na prática ela não é respeitada, simplesmente não existe. O sobrinho diante de tal realidade não se indigna, ri com deboche, o papel do personagem não é questionar, cabe a ele a comicidade e a ironia. Reflexões moralizantes cabem a outros personagens como o tio ou seu companheiro de viagem, o compadre Paciência que se define como:

Sou um homem da roça ignorante e rústico, que ainda reza pela cartilha da *independência*: não faça caso das minhas excentricidades; tenho a mania de

ser homem de bem, e de acreditar que a base de toda a política deve ser a virtude: asneiras de homem da roça. (MACEDO, 2009, p. 49)

É importante ressaltar a ausência de nomes próprios para os personagens, algo que até então não havia sido experimentado nos romances macedianos. Essa ausência é proposital e necessária para que o romance tivesse o impacto desejado pelo escritor. A proposta do escritor seria provocar no leitor o reconhecimento e a identificação com os personagens ou não. Exibindo modelos a serem repelidos ou reprimidos numa busca de moralização. O que se apresenta no romance de Macedo na verdade são tipos, pois os personagens não mudam ao longo do romance seguindo com uma mesma índole ou personalidade do início ao fim. Sobre a composição de tipos Antonio Cândido ao discutir os conceitos de Forster sobre “personagens planas” e “esféricas” afirma:

Em nossos dias, Forster retomou a distinção de modo sugestivo e mais amplo, falando pitorescamente em ‘personagens planas’ (*flat characters*) e ‘personagens esféricas’ (*round characters*). As personagens planas eram chamadas de *temperamentos* (*humours*) no século XVII, e são por vezes chamadas tipos, por vezes caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, temos o começo de uma curva em direção à esfera (...). Tais personagens são facilmente reconhecíveis sempre que surgem; são, em seguida, facilmente lembradas pelo leitor. Permanecem inalteradas no espírito porque não mudam com as circunstâncias. (CANDIDO, 1968, p. 62-63)

Ao apresentar em seu romance “personagens planas” que permanecem com a mesma índole e comportamento do início ao fim, e ainda colocando-os em cena acrescidos de ironia e exagero Macedo caracteriza o tom satírico da obra. Com a preocupação moralizante seguem no romance diversos episódios que exemplificam esse propósito, podemos citar a passagem do romance em que compadre Paciência narra ao sobrinho uma história sobre porcos em que os compara a políticos; o compadre conta que gostava de dar de comer aos seus porcos só para ver a confusão que eles faziam, pois o cocho era pequeno e eram muitos os porcos, em virtude disso os porcos que chegavam a frente comiam silenciosamente e com voracidade, enquanto os que tentam conseguir um lugar não se cansavam de fazer barulho e de dar dentadas nos que estavam no choche; quando os porcos da frente estavam saciados ou cansados de levar dentadas davam lugar aos que estavam atrás, estes então não faziam mais o menor barulho. Paciência então passa para o sobrinho a moral da história:

– Ora! A moral da história está entrando pelos olhos: quero dizer que a razão da alta gritaria que levavam, e do espalhafato que fazem aqueles que fa-

zem da política o seu *meio de vida*, aqueles que quebram os degraus, por onde sobem às primeiras posições oficiais, aqueles que atraíam os partidos, os que os seguiram, e que os elevaram como seus chefes, aqueles que de tempo em tempo mudam de princípios e de opinião, como as cobras mudam de pele, aqueles que como papagaios falam muito, quando têm fome e calam-se logo que têm a barriga cheia; quero dizer, repito, repito, que a razão da gritaria e do espalhafato que fazem esses e outros que tais glutões políticos, está em ser o cocho pequeno, e não poderem todos comer ao mesmo tempo dentro dele. Em uma palavra, compadre, quero dizer que há entre nós uma certa qualidade de gente para quem a política é o *milho*, a pátria é o *milho*, o futuro e a glória é o *milho*; e está acabada a história. (MACEDO, 2009, p. 54)

Este discurso moralizante proferido pelo compadre Paciência, dentre outras inúmeras reflexões sobre o cenário político nacional, que são quantitativamente significativas no romance, nos leva a perceber que Macedo ao expor crítica e satiricamente o tema político, intencionava mostrar ao público leitor oitocentista o que ele, possivelmente através de sua experiência em *loci*, concluiu que faltava e o que estava errado na política brasileira.

Nessa nova experimentação literária, em que estavam de fora ingredientes que comumente desfilavam nas páginas de seus romances, como o conflito amoroso e o retrato dos costumes. Aqui a crítica política tinha como objetivo divertir o leitor através de episódios irônico-jocosos, como também instruir e moralizar apontando os problemas que afetavam o governo brasileiro. Provavelmente Macedo teve êxito e cativou o público leitor que já lhe era fiel com este novo molde romanesco, pois treze anos depois ele lançou a continuação da história intitulada *Memórias do sobrinho de meu tio*.

3. Conclusão

Joaquim Manuel de Macedo, ornado já pela glória de ser reconhecido enquanto escritor com seus quatro primeiros romances, arrisca-se mudando completamente a temática no gênero que o consagrou, longe dos bailes, dos mancebos apaixonados e das moças casadoiras o autor lança *A Carteira do Meu Tio*, que aborda a situação política do Brasil oitocentista, inspirado provavelmente na sua vivência no campo do poder político, enquanto letrado de múltiplas facetas.

A nova face que Macedo nos apresenta nesse crítico e ácido romance é uma completa inovação no gênero romanesco por ele inaugurado no país. Através de uma nova fórmula o romancista de Itaboraí rede-

cora as letras nacionais com a novidade na cena literária do Brasil monárquico, trazendo um narrador irreverente e debochado, e reinventando as narrativas de viagem. Em um romance riquíssimo de debates pertinentes ainda séculos depois.

O que se propôs analisar neste trabalho foram os objetivos com que autor se lançou nesse caminho diverso do qual costumava repousar seu imaginário; bem como as mudanças propostas por ele no romance em relação aos anteriormente produzidos. Através da leitura e análise do romance macediano pretende-se aqui renovar o olhar lançado pelos críticos de literatura brasileira e retirar-lhe do esquecimento ao qual foi fadado por muitos anos, desvinculando-o da imagem de autor o qual só se é lembrado pela produção de uma única obra importante; como por vezes ele o é apresentado; o pai da sua primeira filha, *A Moreninha*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Retrós de espelhos: O romantismo brasileiro com lentes de aumento*. Ilhéus: Editus, 2011.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A carteira do meu tio*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: Ediouro, 2002.

SERRA, Tânia. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: a luneta mágica do II reinado*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.